

# A loja dos sonhos



Da autora de *Como eu era antes de você*

# JOJO MOYES

A  
loja dos  
sonhos

A  
loja dos  
sonhos  
JOJO MOYES

Tradução de  
Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Jojo's Mojo Ltd, 2004

TÍTULO ORIGINAL

The Peacock Emporium

COPIDESQUE

Raquel Toledo

PREPARAÇÃO

Marcela Ramos

Thais Carvas

REVISÃO

Agatha Machado

Mariana Gonçalves

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899L

Moyes, Jojo, 1969-

A loja dos sonhos / Jojo Moyes ; tradução Adalgisa Campos da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

416 p. ; 23 cm.

Tradução de: The peacock emporium

ISBN 978-65-5560-335-4

1. Ficção inglesa. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

21-72917

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*A meus pais, Lizzie Sanders e Jim Moyes.*

*Com amor e gratidão.*

PARTE UM

# U m

*Buenos Aires, 2001*

*O dia em que realizei meu primeiro parto*

Era a terceira vez na semana que o ar-condicionado tinha pifado no Hospital de Clínicas, e o calor era tão forte que as enfermeiras adotaram o hábito de segurar ventiladores de plástico a pilha em cima dos pacientes na ala de terapia intensiva, numa tentativa de refrescá-los. Havíamos recebido uma caixa com trezentos ventiladores de presente de um homem do ramo de importação que havia sobrevivido a um derrame, um dos poucos pacientes do hospital público que ainda se sentia com dinheiro o suficiente para fazer doações.

No entanto, aqueles ventiladores de plástico azuis revelaram-se quase tão confiáveis quanto a promessa de mais medicamentos e equipamentos médicos feita pelo homem. Por todo o hospital, pingando de calor no barulhento verão de Buenos Aires, ouvia-se o súbito *¡Hijo de puta!* das enfermeiras — mesmo das normalmente devotadas — quando tinham que bater nos aparelhos para fazê-los voltar a funcionar.

Eu não sentia o calor. Estava suando frio, tremendo de medo, o pavor de um parteiro recém-formado que acabara de saber que realizaria seu primeiro parto. Beatriz, a parteira mais antiga, que supervisionara o meu treinamento, fez o anúncio fingindo que não era grande coisa. Deu-me um bom tapa no ombro com a mão negra rechonchuda e saiu para ver se conseguia pegar alguma comida da enfermaria geriátrica para alimentar uma de suas novas mães.

— Estão na dois — disse, apontando para a sala de parto. — Multípara, três filhos, mas este não está querendo sair. Quem pode culpá-lo? — Ela deu uma risada amarga e me empurrou em direção à porta. — Volto

daqui a pouco. — Depois, quando me viu empacado ao lado da porta, ouvindo os gemidos de dor abafados lá dentro, acrescentou: — Vá, Turco, ele só pode sair por um lugar, você sabe.

Ainda conseguia ouvir a risada das outras parteiras quando entrei na sala de parto.

Eu planejava me apresentar com alguma autoridade, inspirar confiança tanto a mim mesmo quanto às minhas pacientes, mas a mulher estava ajoelhada no chão, empurrando com força a cara do marido e mugindo feito uma vaca, então considerei um aperto de mão inadequado.

— Por favor, doutor, ela precisa de algum remédio — disse o pai, afastando como podia a mão da esposa.

Percebi que sua voz tinha a deferência com que eu me dirigia aos meus superiores do hospital.

— Ah, Jesus amado, por que está demorando tanto? Por que está demorando *tanto*? — gritava a mulher para si mesma, balançando para trás e para a frente de cócoras.

Estava com a camiseta encharcada de suor, o cabelo, preso num rabo de cavalo, tão molhado que dava para ver linhas claras do couro cabeludo.

— Nossos dois últimos filhos vieram muito rápido — disse o pai, afastando o cabelo da esposa. — Não entendo por que este não vem.

Peguei o prontuário no pé da cama. A mulher estava em trabalho de parto havia quase dezoito horas: muito tempo para um primeiro filho, que dirá para o quarto. Resisti ao impulso de gritar por Beatriz. Em vez disso, encarei as anotações, procurando passar uma aura de entendido, e tentei recitar mentalmente a minha lista de providências ao som dos gemidos da mulher. Lá embaixo, na rua, alguém tocava uma música alta no carro: a insistente batida eletrônica da cúmbia. Pensei em fechar as janelas, mas a ideia de abafar ainda mais o quartinho escuro era insuportável.

— Pode me ajudar a colocá-la na cama? — perguntei ao marido, depois que perdi as forças de olhar para as anotações.

Ele deu um pulo na mesma hora, feliz, talvez por ter aparecido alguém que faria alguma coisa.

Depois que a levantamos, verifiquei sua pressão arterial e, enquanto ela agarrava o meu cabelo, cronometrei as contrações e apalpei sua barriga. A pele da mulher estava febril e escorregadia. A cabeça do bebê estava completamente encaixada. Perguntei ao marido sobre os partos anteriores, mas não descobri qualquer pista. Olhei para a porta e desejei que Beatriz aparecesse.



— Não tem por que se preocupar — falei, enxugando o rosto e torcendo para ser verdade.

Foi então que reparei no outro casal em pé e quase imóvel no canto do quarto, ao lado da janela. Eles destoavam dos visitantes mais frequentes de um hospital público: com aquelas roupas caras e coloridas, combinavam mais com o hospital suíço do outro lado da praça. O cabelo da mulher, que exibia uma tintura sofisticada, estava puxado para trás num *chignon* elegante, mas a maquiagem não sobrevivera ao calor sufocante de quarenta graus e borrara em volta dos olhos, escorrendo pelo rosto brilhante. Ela segurou o braço do marido e olhou atentamente para a cena diante deles.

— Ela está precisando de medicamentos? — perguntou, virando-se para mim. — Eric pode conseguir remédios para ela.

*Será que é a mãe de um deles?*, pensei, distraído. Ela parecia nova demais.

— O trabalho de parto já está muito avançado para medicamentos — respondi, tentando parecer confiante.

Todos olhavam para mim com expectativa. Nenhum sinal de Beatriz.

— Farei apenas um exame rápido — informei.

Como ninguém deu a impressão de que me impediria, não tive opção senão fazer mesmo.

Levei os calcanhares da mulher até suas nádegas e deixei seus joelhos caírem para o lado. Depois esperei até a contração seguinte e, com a maior delicadeza possível, fiz o exame de toque. Isso podia ser doloroso no trabalho de parto avançado, mas ela estava tão cansada que mal protestou. Fiquei um minuto parado, tentando entender. Ela estava totalmente dilatada, mas eu não conseguia sentir a cabeça do bebê... Por um instante, perguntei-me se não seria mais uma das peças que as parteiras pregavam, como quando me pediram para manter uma boneca aquecida na incubadora. De repente, senti um leve entusiasmo. Dei a todos um sorriso tranquilizador e corri ao armário de instrumentos, torcendo para que o que eu procurava não tivesse sido saqueado por outro departamento. Mas lá estava o instrumento que parecia uma pequena agulha de crochê de aço: minha varinha mágica. Segurei-a na palma da mão, sentindo uma espécie de euforia com o que estava prestes a acontecer, com o que *eu* estava prestes a fazer.

O ar foi rasgado por outro gemido da mulher. Eu estava com um pouco de medo de fazer o procedimento sem supervisão, mas sabia que não era

justo esperar mais. E, agora que o monitor cardíaco fetal já não funcionava, eu não tinha como saber se a criança estava sofrendo.

— Mantenha-a quieta, por favor — pedi ao marido e, cronometrando cuidadosamente o intervalo das contrações, introduzi o gancho e fiz um pequeno furo na bolsa de água, que, como percebi, bloqueava o avanço do bebê.

Mesmo com os gemidos da mulher e o tráfego lá fora, ouvi o belo estalo da membrana cedendo à minha pressão. Subitamente, veio um jorro de fluido e a mulher se sentou, dizendo, com certa surpresa e bastante urgência:

— Preciso fazer força.

Neste momento, Beatriz chegou. Ela notou o instrumento em minha mão, a determinação renovada no rosto da mulher, e, ajudando o marido a apoiá-la, fez um sinal com a cabeça para que eu continuasse.

Depois disso, não me lembro de muita coisa. Lembro-me de ver a quantidade impressionante de cabelo preto fino, de pegar a mão da mulher e colocá-la ali para que aquilo pudesse incentivá-la também. Lembro-me de instruí-la a fazer força e arfar, e que, quando o bebê começou a surgir, eu gritava tão alto quanto nos jogos de futebol a que ia com meu pai, com alívio, choque e alegria. E me lembro de ver aquela linda menina deslizando para as minhas mãos, o azul mosqueado de sua pele logo se tornando cor-de-rosa, feito um camaleão, antes de soltar um vigoroso grito bem-vindo de indignação com sua entrada atrasada no mundo.

E, para minha vergonha, lembro que tive que virar a cabeça, porque, quando cortei o cordão umbilical e a deitei no peito da mãe, percebi que tinha começado a chorar e não queria que Beatriz desse às outras parteiras mais um motivo para rirem.

Ela apareceu ao meu lado, enxugando a testa, e apontou para trás.

— Depois que você terminar — disse, em voz baixa —, vou rapidinho lá em cima ver se consigo achar o Dr. Cardenas. Ela perdeu muito sangue, não quero que se mexa antes de ele dar uma olhada.

Eu mal ouvi o que foi dito, e Beatriz percebeu isso. Então me deu um pontapé no tornozelo.

— Nada mal, Ale — falou, sorrindo. Foi a primeira vez que me chamou pelo meu nome verdadeiro. — Na próxima, você talvez até se lembre de pesar o bebê.

Eu já ia responder no mesmo tom, a alegria me dando coragem, pela primeira vez, de me manifestar. Mas, enquanto conversávamos, percebi que o clima no quarto mudara. Beatriz também notou, e congelou no mes-

mo instante. Em vez dos típicos arrulhos extasiados da mãe vendo o bebê pela primeira vez e do murmúrio suave de parentes admirados, só se ouvia no quarto uma súplica baixinha:

— Diego, não, não, Diego, por favor..

O casal bem vestido passara para o lado da cama. Reparei que a mulher tremia, um meio sorriso estranho no rosto, estendendo a mão timidamente para a bebê.

A mãe agarrava a filha ao peito, olhos fechados, murmurando para o marido:

— Diego, não, não. Não consigo fazer isso.

O marido acariciava seu rosto.

— Luisa, nós concordamos. Você sabe que concordamos. Não temos dinheiro para alimentar os nossos filhos, imagina mais um.

Ela não abria os olhos, as mãos ossudas enroladas no xale tantas vezes lavado do hospital.

— As coisas vão melhorar, Diego. Você vai conseguir mais trabalho. Por favor, amor, por favor, não...

Diego franziu o rosto. Ele esticou o braço, devagarinho, para soltar os dedos da esposa, um por um, da bebê. Ela agora chorava.

— *Não. Não, Diego, por favor.*

A alegria do nascimento evaporara, e senti o estômago embrulhado ao me dar conta do que estava acontecendo. Eu estava pronto para intervir, mas Beatriz, com uma rara expressão sombria no rosto, deteve-me com um mínimo movimento de cabeça.

— O terceiro este ano — sussurrou.

Diego conseguira pegar a bebê. Abraçou-a com força, sem olhar em sua direção, e depois, de olhos fechados, ergueu-a para longe dele. A mulher que aguardava deu um passo à frente.

— Vamos amá-la muito — disse, seu sotaque elitista falhando com as lágrimas. — Esperamos tanto tempo...

A mãe então ficou descontrolada e tentou sair da cama. Beatriz deu um salto, segurando-a.

— Ela não pode se mexer — disse, com uma voz que sua cumplicidade contrariada tornava mais estridente. — É muito importante que você não a deixe se mexer até o médico chegar.

Diego envolveu a esposa com os braços. Difícil saber se para consolá-la ou aprisioná-la.

— Eles vão dar tudo a ela, Luisa, e o dinheiro vai nos ajudar a alimentar nossos filhos. Você tem que pensar nos nossos filhos, na Paola, no Salvador... Pense em como as coisas têm sido...

— Minha *bebê* — gritou a mãe, sem lhe dar ouvidos, ferindo com as unhas o rosto do marido, impotente diante do tamanho de uma pesarosa Beatriz. — Você não pode levar ela embora.

Suas unhas deixaram um lanho sangrento, mas acho que ele não notou. Fiquei ao lado da pia enquanto o casal voltava em direção à porta, meus ouvidos preenchidos pelo som visceral de uma dor que nunca esqueci, sem nem conseguir mais olhar para a criança cujo parto me dera tanta alegria fazer.

E até hoje não consigo me lembrar de qualquer ponto positivo do parto do primeiro bebê que trouxe ao mundo. Só me vêm à memória os gritos da mãe, a expressão de dor gravada em seu rosto, uma dor que eu sabia, mesmo não tendo experiência, que jamais seria aplacada. E me lembro da mulher, traumatizada, mas decidida, que saiu de maneira furtiva com o bebê, como uma ladra, dizendo baixinho:

— Ela vai ser amada.

Deve ter dito cem vezes, embora ninguém estivesse ouvindo.

— Ela vai ser amada.

# Dois

*1963: Framlington Hall, Norfolk*

Entre Norwich e Framlington, o trem fez seis paradas não previstas. O azul glacial infinito do céu escurecia, embora nem sequer fosse a hora do chá. Vivi observara os guarda-freios saltarem várias vezes com pás para retirar montes de neve dos trilhos e sentira sua impaciência com o atraso compensada por uma satisfação perversa.

— Espero que quem for nos buscar esteja com correntes de neve nos pneus — disse, com sua respiração embaçando a janela do vagão de tal maneira que teve que esfregar o dedo enluvado no vidro para voltar a ver a paisagem. — Não quero empurrar carro nenhum nessa nevasca.

— Você não teria que empurrar — disse Douglas, por trás do jornal.  
— Os homens empurram.

— Deve escorregar absurdamente.

— Para quem usa botas como as suas, sim.

Vivi olhou para seus novos sapatos Courrèges, satisfeita por ele ter reparado. Completamente inadequado para o clima, dissera sua mãe, acrescentando com tristeza para o pai de Vivi que “não consegue entender o que está havendo com ela”. Vivi, normalmente condescendente em relação a tudo, fora categórica e se recusou a usar galochas. Era seu primeiro baile e, além de desacompanhada, não chegaria parecendo uma menina de doze anos. Aquele não tinha sido o único embate entre as duas: seu cabelo, uma criação elaborada de cachos modelados presos no alto da cabeça, não deixava espaço para um bom chapéu de lã, e a mãe estava agoniada sem saber se o enorme trabalho que tivera para montar o penteado valia o risco de deixar a única filha se aventurar só com um lenço na cabeça no inverno mais rigoroso de que se tinha registro.

— Vou ficar bem — mentiu a garota. — Bem quentinha.

Agradeceu em silêncio por Douglas não notar que ela estava usando ceroulas por baixo da saia.

Já estavam no trem havia quase duas horas, uma delas sem calefação: o guarda-freios lhes dissera que o aquecimento daquele vagão pifara antes mesmo da frente fria. Eles haviam planejado viajar com a mãe de Frederica Marshall no carro dela, mas Frederica pegara uma mononucleose (não à toa, a enfermidade também era conhecida como “a doença do beijo”, segundo a observação mordaz da mãe de Vivi), e assim, com relutância, os pais dos jovens os deixaram viajar sozinhos de trem, com muitos avisos sobre a importância de Douglas “tomar conta” de Vivi. Ao longo dos anos, Douglas fora instruído muitas vezes a tomar conta de Vivi —, mas a perspectiva da garota sozinha num dos eventos sociais do ano, ao que parecia, tinha conferido a essa tarefa uma ressonância significativa.

— Você se importa que eu viaje com você, D? — perguntou, tentando fazer charme.

— Não seja boba.

Douglas ainda não perdoara o pai por se recusar a deixá-lo pegar emprestado o Vauxhall Victor.

— Não sei por que meus pais não me deixam viajar sozinha. Eles são tão caretas...

Ela ficaria bem com Douglas, dissera seu pai, de um jeito tranquilizador. Ele é como um irmão mais velho. Em seu coração sem esperança, Vivi sabia que o pai tinha razão.

Apoiou um dos pés calçados no assento ao lado de Douglas. Ele estava usando um casacão de lã grossa e seus sapatos, como os da maioria dos homens, traziam uma marca pálida de neve derretida em volta.

— Pelo visto, todo mundo que é importante vai hoje à noite — disse ela. — Muita gente não conseguiu convite.

— Podiam ter ficado com o meu.

— Parece que aquela Athene Forster vai. Aquela que foi grosseira com o duque de Edimburgo. Você a viu em algum dos bailes?

— Não.

— Ela é um horror. Mamãe a viu nas colunas sociais e começou a falar que o dinheiro não compra educação, ou coisa assim. — Parou e esfregou o nariz. — A mãe da Frederica acha que, em breve, essa coisa de “temporada social” não vai mais existir. Disse que garotas como a

Athene estão acabando com a tradição. Ela está sendo chamada de “a Última Deb”.

Douglas bufou sem tirar os olhos do jornal.

— A Última Deb. Que besteira. A temporada toda é uma fachada. Tem sido desde que a rainha parou de receber pessoas na corte.

— Mas ainda é uma boa maneira de conhecer pessoas.

— Uma boa maneira de garotos e garotas conhecerem pretendentes adequados para o casamento. — Douglas fechou o jornal e o colocou no assento ao seu lado. Recostou-se e pôs as mãos atrás da cabeça. — As coisas estão mudando, Vi. Em dez anos, bailes de caça como esse não existirão mais. Nem vestidos elegantes ou casacas.

Vivi não tinha certeza, mas achava que essa afirmação podia estar ligada à obsessão de Douglas com o que ele chamava de “reforma social”, que parecia abarcar tudo, da educação das classes trabalhadoras de George Cadbury ao comunismo na Rússia. Por meio da música popular.

— Então qual será a solução para conhecer outras pessoas?

— Todos serão livres para sair com quem quiserem, seja qual for a sua origem social. Será uma sociedade sem classes.

Era difícil dizer pelo tom de voz se ele achava que isso era uma coisa boa ou se estava fazendo uma advertência. Então Vivi, que raramente lia os jornais e admitia não ter opiniões próprias de verdade, fez um ruído de concordância e tornou a olhar pela janela. Torceu, não pela primeira vez, para que seu penteado durasse a noite toda. Ela não teria problema em danças como o *quickstep* e o Gay Gordons, segundo sua mãe, mas talvez fosse melhor tomar um pouco de cuidado na hora do Dashing White Sergeant.

— Douglas, você me faz um favor?

— Qual?

— Sei que você não queria muito vir...

— Eu não me importo.

— E sei que você detesta dançar, mas, depois de algumas músicas, se ninguém tiver me convidado, promete que dança comigo? Acho que eu não aguentaria passar a noite toda sozinha. — Ela tirou as mãos por um instante do relativo calor dos bolsos. Um esmalte perolado cobria uniformemente suas unhas. Cintilava, opalescente, ecoando o véu cristalino que aparecia agora, pouco a pouco, na janela do vagão. — Pratiquei bastante. Não vou decepcionar você.

Ele sorriu. Apesar do frio que invadia o vagão, Vivi sentiu-se mais aquecida.

— Você não vai ficar sozinha — disse, colocando os pés no assento perto dela. — Mas danço, sua boba. É óbvio que danço.

Framlington Hall não era uma das joias da herança arquitetônica da Inglaterra. A impressão de antiguidade que dava à primeira vista era enganosa: qualquer um com conhecimento básico de arquitetura deduziria rapidamente que seus torreões góticos não harmonizavam bem com suas colunas palladianas, que os vitrais estreitos destoavam do telhado de duas águas do enorme salão de baile, que o vermelho gritante de seus tijolos parecia ter sido afetado pela exposição por não mais que algumas estações. Era, em resumo, um vira-lata estrutural, um híbrido de todos os piores desejos nostálgicos de um passado mítico, seu próprio senso de importância impondo alguma categoria na paisagem rural plana ao redor.

Seus jardins, quando não cobertos por vários palmos de neve, eram estritamente formais. Os gramados eram muito bem tratados e densos como o pelo de um tapete caro, o roseiral plantado não numa confusão delicadamente emaranhada, mas em fileiras idênticas de arbustos brutalmente podados, cada qual uma imitação em tamanho e forma do seguinte. Suas cores não eram rosa e pêssego desbotados, mas vermelho-sangue, meticulosamente cultivadas ou enxertadas em laboratórios na Holanda ou na França. De cada lado, erguiam-se fileiras de ciprestes de Leyland uniformemente verdes, preparando-se, mesmo na extrema juventude, para isolar a casa e o terreno do mundo lá fora. Era menos como um jardim e mais como uma espécie de curral de horticultura, como notara um visitante.

Não que essas considerações incomodassem o fluxo constante de convidados que, com bolsas de viagem em punho, foram despejados no acesso circular na frente da casa, repleto de sal para derreter a neve. Alguns tinham sido convidados pessoalmente pelos Bloomberg, que haviam projetado a mansão (e foram desencorajados de última hora a comprar um título para combinar com ela), outros foram convidados pelos amigos mais bem relacionados dos Bloomberg, com a permissão expressa de criar a atmosfera ideal. E uns simplesmente tinham aparecido, torcendo, sabiamente, para que, na escala geral das coisas, alguns penetrassem com a feição e o sotaque certos não incomodassem ninguém. Os Bloomberg, com uma



fortuna recém-cunhada no ramo bancário e a determinação de manter a tradição da festa de debutantes viva para suas filhas gêmeas, tinham fama de anfitriões generosos. E as coisas estavam mais tranquilas nessa época — ninguém jogaria ninguém na neve. Especialmente quando havia um interior recém-decorado para exibir.

Vivi pensara nisso por um bom tempo enquanto estava sentada em seu quarto (com direito a toalhas, artigos de toalete e secador de cabelos de duas velocidades), a pelo menos dois corredores do de Douglas. Fora uma das felizardas, convidada graças à relação profissional do pai de seu acompanhante com David Bloomberg. A maioria das garotas estava alojada num hotel a vários quilômetros dali, mas ela ficaria num quarto com quase o triplo do tamanho do seu e duas vezes mais luxuoso.

Lena Bloomberg, uma mulher alta, elegante e com o ar de quem estava cansada de saber que a única atração verdadeira do marido por ela era financeira, tinha erguido as sobranceiras para as saudações mais extravagantes dele e dito que havia chá e sopa na sala para quem precisasse se esquentar. Além disso, afirmou que, se Vivi precisasse de *qualquer coisa*, ela deveria avisar — embora não a Sra. Bloomberg, era de se supor. Depois instruíra um funcionário a conduzi-la ao seu quarto, longe da ala dos homens —, e Vivi, tendo experimentado cada pote de creme e cheirado cada frasco de xampu, ficara algum tempo sentada antes de se trocar, deleitando-se com a liberdade inesperada e se perguntando como deveria ser viver assim todo dia.

Enquanto entrava no vestido (corpete justo, saia comprida lilás, feito pela mãe a partir de um molde Butterick) e trocava as botas por sapatos, ouvia o rumor distante de vozes das pessoas passando por sua porta, um ar de expectativa se infiltrando nas paredes. Do andar de baixo, era possível escutar os sons dissonantes da banda se aquecendo, os passos apressados do pessoal preparando quartos e as exclamações de conhecidos se cumprimentando nas escadas. Vivi passara semanas ansiosa pelo baile. Agora que o momento chegara, estava com o mesmo tipo de pavor bobo que sentia quando ia ao dentista. Não só porque a única pessoa que provavelmente conhecia era Douglas, nem porque, depois de sentir-se incrivelmente livre e sofisticada no trem, agora estava se achando muito jovem, mas porque, diante das garotas magras e radiantes que haviam chegado em seus vestidos de baile, sentiu-se de repente uma pobretona desengonçada, as botas novas já sem brilho. Porque, para Veronica Newton, glamour não era uma coisa

assim tão fácil. Apesar dos acessórios femininos, dos bobes de cabelo e das cintas, ela era obrigada a admitir que seria sempre bem comum. Era curvilínea numa época em que a beleza era medida pela magreza. Era corada e tinha um aspecto saudável quando deveria ser pálida e ter olhos arregalados. Ainda usava saias rodadas e blusas de botão quando a moda era silhueta evasê e moderna. Até seu cabelo, loiro natural, era cheio, ondulado e ressecado feito palha, recusando-se a cair em linhas geometricamente retas como as das modelos da *Honey* ou da *Petticoat*; em vez disso, contornava seu rosto em mechas esvoaçantes. Hoje, com cachos artificiais, parecia mais rígido e armado do que a criação charmosa que Vivi havia imaginado. Para piorar, seus pais, num rompante atípico de imaginação, tinham-na apelidado de Vivi, o que significava que as pessoas tendiam a parecer decepcionadas quando eram apresentadas a ela, como se seu nome sugerisse algum exotismo que ela não tinha. “Nem todo mundo pode ser a mais bela do baile”, dissera sua mãe, tentando tranquilizá-la. “Você vai ser uma esposa encantadora para alguém.”

*Não quero ser a esposa encantadora de alguém*, pensou Vivi, olhando para o espelho e sentindo a usual carga de insatisfação. *Só quero ser a paixão do Douglas*. Permitiu-se uma breve reprise de sua fantasia, agora tão repassada quanto as páginas de seu livro favorito — aquela em que Douglas, balançando a cabeça de um lado para outro diante de sua beleza inesperada naquele vestido de baile, conduzia-a para a pista de dança, e os dois valsavam até ela ficar tonta, a mão forte do rapaz firmemente colocada em suas costas, o rosto colado no dela... (Precisava admitir que a fantasia se devia em grande parte a *Cinderela*, de Walt Disney. E assim tinha que ser, já que as coisas tendiam a ficar meio confusas depois do beijo.) Desde que chegara, sua fantasia vinha sendo interrompida por réplicas magras e enigmáticas da modelo Jean Shrimpton, que tentavam Douglas com sorrisos deliberados e cigarros Sobranie — portanto, Vivi começara uma nova, em que, no fim da noite, Douglas a acompanhava de volta a um quarto enorme, aguardava com expectativa à porta aberta e depois, finalmente, com ternura, acompanhava-a até a janela, olhava para seu rosto iluminado pelo luar e...

— Vi? Você está decente? — Vivi sobressaltou-se de um jeito meio culpado quando Douglas bateu com força na porta. — Pensei que talvez pudéssemos descer cedo. Encontrei um antigo amigo da escola e ele está guardando umas taças de champanhe para nós. Você já está terminando de se arrumar?



A mãe de Suzanna Peacock, Athene, abraçou a década de 1960 como poucos. Uma das jovens mais glamourosas de sua geração, era mimada e incontrolável. Quando concordou em se casar, seus pais enfim respiraram aliviados. Dois anos após o casamento, contudo, os boatos de uma traição começaram a circular.



Mais de trinta anos depois, Suzanna ainda tem dificuldades para se desvencilhar das famigeradas histórias da mãe. Ao retornar a Dere Hampton, sua cidade natal, o único lugar onde encontra paz é em sua loja: uma mistura de cafeteria e brechó que vende de tudo um pouco, desde bijuterias de segunda mão a um bom expresso. Lá ela faz amigos de verdade pela primeira vez, entre eles Jessie, uma jovem curiosa e muito criativa, e Alejandro, um argentino solitário que trabalha no hospital local e compartilha com Suzanna o gosto por um café bem-feito e um histórico familiar complicado.

Mas, apesar dos esforços de Suzanna, o fantasma de Athene ainda a persegue. E só ao enfrentar tanto a família quanto seus medos ela será capaz de se reconciliar com o passado e encontrar a chave para a sua própria história.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1118/>

